

antitesa de cientista de asfalto, Samuel sabe que fome é assunto sério demais para que fique por conta das universidades, dos laboratórios farmacêuticos, ou dos gabinetes oficiais.

*Creatura animal* político, sim, ~~grande animal político~~, mas jamais mesquinho, sectário, agressivo em suas ideias. Genuíno democrata, democrata de quatro costados, reconhece a honestidade de argumentos dos adversários, embora os deplora por vezes, dialoga até com aqueles que se professam de direita. Isto não impediu que em 1964 tivesse que responder a um IPM. Sabem o que vem a ser um IPM?

Acusavam-no na ocasião de haver transformado seu departamento, na Universidade de S. Paulo, em legítima "fabrica de subversivos", alegação que beirava ao *ridículo*. Primeiro, na Parasitologia da USP havia gente pertencente às mais variadas matizes políticas, professando ideias por vezes diametralmente opostas; segundo, porque desde 1955 estava afastado da cadeira propriamente dita, seu lugar nas mãos de um ex-assistente, justamente um daqueles que menos resistente se mostrou às pressões oficiais. Para fazer uma ideia, lancem uma vez os olhos pela "Parasitologia Médica", óra em sua 9ª. Edição, ou nos "Problemas Brasileiros de Higiene Rural", para ver até que ponto Pessoa respeita o direito à própria opinião. Darei um prêmio àquele que nesses textos encontrar aquilo que vulgarmente se chama "doutrinação política".

E seria mesmo subestimar a sua inteligência, a sua sensibilidade, imaginar que Pessoa jamais tomou a iniciativa de nos induzir uma ideia contra a qual nós nos rebeláramos, coagir-nos à determinada atitude face ao mundo. Não fabricamos proselitismo, pois sabemos que a copia nunca é tão boa como o original. Tanto assim que eu me formei na USP, depois de duas caminhadas através da Parasitologia, ainda orfã de mãe e pai daquilo que só mais tarde vim a aprender, e por conta própria que a medicina é irmã das ciências sociais.

Em Abril de 1964 incumbiu-se aos governadores de Estado a procederem, sem o benefício de um prévio julgamento, a uma "limpeza de suas fileiras", expurgando dos quadros do funcionalismo aqueles elementos que lhes fossem antipáticos. E por ato do então governador, o sr. Ademar de Barros, a Universidade de S. Paulo perdeu alguns dos seus melhores ~~professores~~, ato *respeitável* ~~ministerial~~ *primitivo*, antipatriótico pois que foi profundamente abalada a nossa estrutura de ensino e de pesquisa - e que até hoje da minha parte ~~se~~ conta com o mais profundo *repúdio*.

E, naturalmente, também o departamento de Parasitologia perdeu alguns de seus melhores elementos, na fase negra que passamos a atravessar. Não mexeram um dedinho aqueles aos quais se permitiu ficar - nem mesmo o então catedrático - não se abalaram o diretor da faculdade, o reitor da universidade, toda a legião daqueles que no enterro de Samuel derramaram suas lágrimas de crocodilo, os homens que dançam conforme a melodia do momento.

Lembro-me que nos primeiros dias de abril fui procurar um destes nomes respeitáveis, professor-titular e que mais tarde ~~foi nomeado~~ *galgou ao posto* de diretor, e propuz-lhe a redação de um abaixo-assinado entre os docentes, não a título de manifestação política, mas mui simplesmente, para solicitar às autoridades que a autonomia universitária fosse respeitada. O homem olhou para mim, chamou-me de criança: "Isso é infantil de sua parte. Não é coisa que se possa fazer. E sabe de